MEMÓRIAS E POESIAS

Jairo de Lucena Gonçalves

Mestrando em História no PPGH – (UNICAP)

E-mail: jairolucena02@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo exibirá uma versão sobre as representações e a História dos vaqueiros no município de Lagoa do Ouro no estado de Pernambuco, a partir das memórias do senhor Manuel Nilton de Oliveira, homem de 71 anos de idade, conhecido como um dos poetas e repentistas no espaço municipal e regional. Onde este explanará sobre vários acontecimentos e personagens relevantes da cultura local; como as questões das toadas e o aboio, além de destacar fatores ligados a questões do trabalho nas primeiras fazendas de gado do município, o papel do vaqueiro e as diferentes funções que estes exerciam ao longo de sua trajetória de trabalho. O material é resultado de duas entrevistas feitas para a dissertação do curso de Mestrado em História da UNICAP que está em andamento.

Palavras-chave: História. Vaqueiro. Lagoa do Ouro

Introdução

Quando decidimos escrever sobre as memórias dos mais velhos devemos saber o papel que estamos ocupando nesse cenário. O historiador deve primar pela ética, mas também compreender as sensibilidades. Ao se lançar nas pesquisas sobre história local o olhar interdisciplinar[1] deve ser utilizado para entendemos melhor nosso objeto de pesquisa (NUNES, 1999). No presente artigo, iremos tratar tanto do urbano como do rural, da confluência dos espaços, das configurações históricas e das dinâmicas culturais. Mas principalmente dos personagens que constroem suas trajetórias nessa espacialidade.

[1] Em especial com a antropologia.

Lagoa do Ouro é um município situado no Agreste Meridional de Pernambuco, que tem como força-motriz econômica as atividades agropecuárias[2], é nesse contexto que nasce nossa pesquisa. Falar não da história total do município; mais sim falar do passado de um grupo, os vaqueiros desta localidade.



Figura 1- Lagoa do Ouro

Fonte: Wikipédia, 2018

A segunda metade do século XX é utilizada como recorte temporal para o desenvolvimento da pesquisa, estudo este que será embasado nas questões de narrativas, memórias, sociabilidades e cultura. Seguindo caminhos diferentes para poder conhecer a trajetória de vida, as práticas e os hábitos das cidades do interior Guimarães Neto (2006). Locais de desafios, onde o pesquisador se depara com a escassez de documentos escritos

Novos campos de pesquisa exigem dos historiadores metodologias precisas para atuarem de maneira efetiva. Como enfatiza Marc Bloch (2001), o historiador é filho do seu tempo, precisa se reinventar no momento em que o presente lhe cobra novas explicações, um diferente olhar sobre o fato.

Convido o leitor a nos acompanhar nessa escrita que será dividida em quatro partes; no primeiro momento iremos apresentar o personagem principal neste trabalho, o poeta José Nilton de Oliveira. Ele nos apresenta Lagoa do Ouro e sua sociedade rural a partir de sua história de vida. Utilizando a toada e o verso como instrumento de memorização de um passado imaginado.

[2] Ver em: http://www.lagoadoouro.pe.gov.br.

Na segunda parte, serão apresentados alguns personagens que constituíram um grupo de vaqueiros em Lagoa do Ouro, que foram responsáveis por perseguir e capturar o gado que era comercializado nas feiras. Entenderemos seu espaço de trabalho utilizando algumas imagens, pois acreditamos que a por meio da utilização de fotografias é possível articular metodologicamente a memória e narrativa.

Na terceira parte, abordaremos a modificação do trabalho do vaqueiro no momento em que estavam se tornando mais idosos. Nesse sentido, também é explanado o papel destes homens na manutenção e no abastecimento de produtos advindos de regiões distantes, tanto da zona rural quanto na cidade.

Por fim, faremos uma discussão sobre as experiências e desafios da pesquisa que ainda está se construindo. Desse modo, iremos promover o diálogo entre diferentes fontes históricas como os relatos orais de memória, a literatura, as imagens e os jornais.

O vaqueiro na visão do violeiro

Escrever um texto a partir das memórias de um indivíduo é literalmente se embrenhar em um labirinto, cabendo ao pesquisador o conhecimento prévio sobre o assunto. Para que assim a entrevista possa ser utilizada como fonte para a construção da pesquisa juntamente com as fontes escritas. Nilton Dodó[3] é um personagem bastante curioso, homem conhecido não apenas no município de Lagoa do Ouro; relata em suas memórias personagens importantes da cultura vaqueira municipal.

Nilton Dodó é um senhor de fisionomia dura e respostas rápidas. Ao longo da entrevista percebi a preocupação de articular as palavras, na tentativa de reafirmar construir um estatuto de verdade a todo momento. A sua personalidade forte e o

[3] Nilton faz parte daqueles personagens que intitulei de “entrevistado polivalente”. Aquele indivíduo que constrói seu espaço passando a ideia que sabe de tudo, o próprio reclamou da minha pesquisa falando que eu não precisaria procurar outros indivíduos, afirmando que responderia tudo que quisesse saber.

posicionamento firme, o coloca como um narrador habilidoso, e um dos poetas da cidade mais procurados quando o assunto é a cultura da sociedade rural.



Figura 2- Nilton Dodó.

Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Quando iniciamos uma entrevista precisamos criar um ambiente propício para o entrevistado se senta confortável em falar suas memórias, seus diferentes pontos de vista. Nesse tocante faço menção a metodologia defendida por (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 23):

> [...] o método de abordagem caracterizou-se pela utilização da linguagem cotidiana, simples e direta, com base na espontaneidade e confiança que se pôde criar entre o entrevistador e os entrevistados, procurando deixá-los livres para contar as experiências do passadas, segundo seu ponto de vista. Para isso, faz-se necessário estabelecer certas ligações entre um querer-ouvir e um querer-falar[...]

Nilton não se considera um vaqueiro, se autointitula como um poeta amante da cultura e conhecedor das representações dos vaqueiros, “Porque o trabalho do gado[4] é um e o trabalho da viola é outro. Mas o violeiro também gosta da toada, como eu mesmo porque eu tenho toadas escritas”[5]. Aqui me utilizo da historiadora Maria Ângela de Faria Grillo (2015) onde relata que é necessário analisar a história

[4] Segundo o próprio, as toadas são mais ligadas aos assuntos do campo, as cantigas de viola são temas variados.
[5] Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

não apenas em versões oficiais, políticos ou jornalísticos, mais também pelos poetas, a visão de mundo deles. Para que assim possamos entender suas simbologias cotidianas. As toadas e os aboios são representações poéticas dos vaqueiros e trazem muitas informações sobre estes:

> A poesia do poeta [...] tem, por isso mesmo, um poder de sustentar, de controlar, de certa forma, a cultura, a tradição. Mas se a tradição deve ser praticada[...], precisa ser lembrada por todos. Precisa corresponder às possibilidades de memorização das pessoas comuns, e não apenas das mais bem-dotadas. Na memória rítmica, então, a maneira mais direta de imitação, de memorização, de sustentação da tradição. A Musa, voz da instrução, é também a voz do prazer. A memória toda de um povo é poetizada. (SMOLKA, 2000, p.196)

As toadas por serem escritas e poderem ser cantadas diversas vezes em diferentes tempos, tornam-se um documento de suma importância para a investigação das práticas culturais dos vaqueiros no município de Lagoa do Ouro, o que são contatos nesta espécie de poesia se refere ao cotidiano vivenciado por esse grupo como destaca Nilton Dodó.

> A toada você na garganta já vai com dois parceiros[...] De acordo com os acontecimentos. Que ocorreram, no caso de mortes de pessoas queridas, de entes queridos e estas coisas e ai a gente vai e trabalha em cima deste assunto. Já o verso de viola[6] é improvisado na hora. Com quem chegar, o trem, ou com quem chegar. (Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018)

Os cantos dos vaqueiros podem ser vistos assim como representações do passado, a toada tem o papel de guardar informações relevantes sobre personagens importantes da sociedade local, Lagoa do Ouro ao longo de sua trajetória teve indivíduos que se destacaram e iremos apresenta-los a partir de agora.

[6] Posteriormente, já com o gravador desligado, Nilton me explicou a similaridade existente entre o verso de viola e o aboio (chamado por ele também de verso de gado), ambos são de improviso cobrando domínio que rapidez o raciocínio de quem as pratica, a diferença está mais ligada a questão de tempo de canto.

A pega de boi no mato

> Na época de antigamente, quando não havia cercas no sertão nordestino, os animais eram marcados e soltos na mata. Depois de alguns meses, os fazendeiros reuniam os peões (vaqueiros) para juntar o gado marcado. Eram as pegas de gado[...]. Montados em seus cavalos, vestidos com gibões de couro, estes bravos vaqueiros se embrenhavam na mata cerrada em busca dos bois, fazendo malabarismos para escaparem dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos. Alguns animais se reproduziam no mato. Os filhotes eram selvagens por nunca terem mantido contato com seres humanos, e eram esses animais os mais difíceis de serem capturados. Mesmo assim, os bravos vaqueiros perseguiam, laçavam e traziam os bois aos pés do fazendeiro. Nessa luta, alguns desses homens se destacavam por sua valentia e habilidade, e foi daí que surgiu a ideia da realização de disputas (ABVAQ 2015, *apud* PEREIRA, 2016, p.04)

É necessário ressaltar que o trabalho com a lida do gado será observado segundo as características do município de Lagoa do Ouro, desta forma algumas questões podem se diferenciar dos afazeres vaqueiros de outras localidades. O trabalho de pesquisa vem sendo feito buscando assistir os personagens comuns:

> Desta forma a história não está apenas contida nos grandes salões, que são vistos como espaços de poder, nos grandes homens que influenciaram uma época e uma sociedade. A história é encontrada em diversos espaços na multiplicidade. Essa visão de pesquisa coloca por exemplo os vaqueiros[...] em pé de igualdade com a história que se debruça e pesquisar vida e a obra das elites[...] (GONÇALVES, 2018, p.70)

Os vaqueiros de Lagoa do Ouro Diferentemente do que acontece em outras regiões de Pernambuco, não passavam longos períodos fora de casa. O trabalho era feito a partir de uma cooperação entre os vaqueiros de Lagoa do Ouro e dos municípios vizinhos em especial os Vaqueiros de Brejão, sobre essa questão Nilton destaca:

> Esses homens foram os heróis[7] da catinga aqui, os pegadores de boi do mato, os legítimos. Eram estes homens. Era de oito em oito dias. Nas quartas feiras. Na terça já começava a pega do boi, onde os açougueiros compravam e ai eles... o transporte era o cavalo. Puxado na corda e era assim, a luta diária daqui. (Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018)

[7] Para Nilton o verdadeiro vaqueiro é aquele que se veste de couro e participa da pega de boi no mato, os que frequentam a corrida de mourão são atletas e não podem ser considerados vaqueiros.

Uma edificação pode ser considerada uma prova, uma reminiscência do trabalho dos vaqueiros de outrora. Curral de pedra localizado nos limites do município de Lagoa do Ouro e Brejão[8]. Um testemunho de trabalho ardo de uma época onde os animais não eram domesticados. Muitas vezes o gado só tinha contato de fato com humanos no momento da forração[9] do animal ou quando este era vendido para o abate. Sobre o espaço de memória:

> Em nossa análise, consideramos que as representações sociais construídas sobre os lugares de memória (que normalmente são identificados como os lugares onde o fato histórico aconteceu) não se encontram apenas em textos historiográficos, mas também em diferentes formas narrativas. (GEVEHR,2016, p.951)

Por esse motivo um curral solido era de suma importância para fazer a contenção destes Animais, temos o conhecimento de mais três construções similares que estão localizados muito próxima de Lagoa do Ouro. O município está basicamente circundado por currais de pedra, mostrando que a região tinha uma predisposição forte para a criação de gado.

Na imagem abaixo poderemos ver uma destas edificações, o tempo estimado de construção se perde. Os entrevistados mais antigos não nos forneceram informações suficientes para estipular uma datação aproximada. Somente narraram que desde o período que estes eram crianças, essa construção já existia e apresentava sinais de que já vinha sendo utilizada há anos.

[8] Brejão é um dos municípios que fazem divisa com Lagoa do Ouro, tem sua economia vinculada a agricultura e pecuária.
[9] Momento em que os animais eram marcados com ferro quente com as iniciais os símbolos de seus donos



Figura 3- Curral de pedra localizado entre os municípios de Brejão e Lagoa do Ouro.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Seguindo o conceito de Peter Burke (2008) sobre história cultural, ele afirma que novas fontes podem ser utilizadas para construir versões do passado. Nesse tocante, nossa pesquisa se faz tentando trazer a questão da imagem e da musicalidade como fontes de análises do passado dos homens que integraram esse grupo de vaqueiros.

Nilton compôs uma toada falando justamente do cotidiano destes vaqueiros que prestavam serviços no município de Lagoa do Ouro e também de Brejão a cerca de 40 anos atrás. A toada traz um nome e algumas funções e cada um destes ocupava naquele momento, mais uma vez é necessário relatar que a musicalidade é utilizada como fonte para construção de uma versão do grupo vaqueiro que vem sendo estudado na localidade. Decidi não modificar ar ortografia, para não prejudicar na leitura e na melodia toada.

"Vaqueiro bom foi rapaz, Dodó Machado e Pirincha
Que pegava o boi no mato e trazia ele chincha
Manuel Sabino puxou e Chico André[10] foi quem laçou
Pra levar pro matadô pra ser cortado de trincha

[10] Tive a oportunidade de entrevistá-lo em 2011, pesquisa para a conclusão do curso.

No seu cavalo garricha Sabino Lopes e batinga

Dizia pra Né Machado, tu traz a corda e a pinga

O sal de pedra e o espeto, de pegar ele eu prometo

Eu vou pegar lombo preto pra tirar sua mandiga...”

(Memórias do passado, Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 20de julho de 2018)

Anteriormente tratamos sobre a prática de trabalho do vaqueiro, no entanto, quem era a pessoa incumbida pela fabricação da indumentária de couro utilizado por estes vaqueiros no município de Lagoa do Ouro? Outro personagem surge, Moisés sapateiro, que era o principal responsável por este trabalho, sendo também o único que dominava essa técnica. Segundo Nilton[11] este senhor morreu há cerca de 20 anos, não tendo deixado substituto do seu ofício, nem registros para além da memória dos habitantes da cidade.

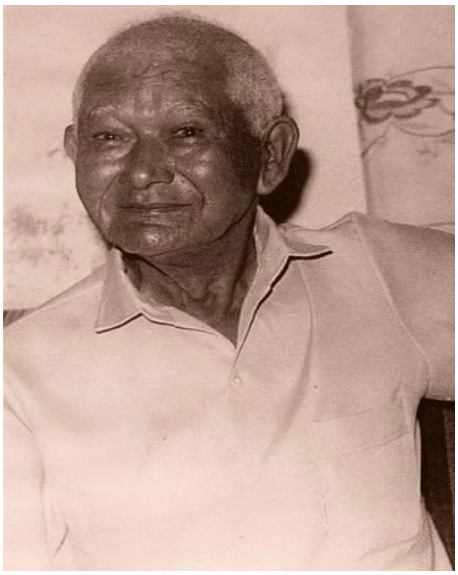

Figura 4- Moisés sapateiro.

Fonte: A Memória de Lagoa do Ouro.

Moisés continua sendo lembrado por muitos dos meus entrevistados, talvez pelo preço cobrado pelos utensílios de couro que hoje tem custo razoavelmente

[11] Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

elevado e o senhor da fotografia sempre dava um desconto ou parcelava, sobre ele Nilton (12/07/18) fala o seguinte:

> Olha, o maior fabricante já faleceu que foi o Moisés. Que até um livro que eu fiz ai eu fiz um verso com o Moisés. Que dizia assim:
>
> Moises foi literatura
>
> Couro o seu artesanato
>
> Sela, perneira e gibão
>
> Gibão, chapéu e sapato
>
> . Mesmo com pouco dinheiro
>
> Fez a roupa do vaqueiro
>
> Couro do porco, do boi de do carneiro, bode e gato.

Podemos perceber o quanto Moisés era importante no círculo social dos vaqueiros de Lagoa do Ouro, o verso de maneiras irreverente mostra o papel do sapateiro no cotidiano dos homens que trabalhavam com o gado neste município.na atualidade os produtos utilizados vêm de Caruaru trazidos por feirantes.

Vaqueiros e carreiros

Um fato bastante curioso relatado pelo entrevistado Nilton Dodô está ligado à questão de modificação no trabalho dos vaqueiros com passar dos anos, quando estes iam envelhecendo, o trabalho de vaqueiro exigir uma condição física boa, ou seja, o indivíduo para trabalhar como vaqueiro necessita ser consideravelmente jovem, mas o que acontecia com aqueles que iam envelhecendo? Sobre essa questão Nilton falando sobre a vida de Chico André relata: “Vaqueiro e carreiro. Mais ou menos assim, no tempo da mocidade mesmo até os 35 ou 30 anos era na pega do boi no mato mesmo, no lombo do cavalo. E depois já trocava de ramo mesmo. Ai já ficava de 40 anos por diante... Trabalhar de carreiro. ”[12]

[12] Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 20 de julho de 2018



Figura 5- Chico André com seu filho Carlos

Fonte: Acervo Pessoal Jairo Lucena (APJL), 2014.

Gaspar (2009) cria uma explicação de como seriam esses carreiros, homens simples que utilizam uma vara fina com um ferro pontiagudo para conduzir os bois, animais muitas vezes tão mansos que obedecem ao carreiro apenas com o comando de voz. É sobre esses vaqueiros mais velhos que iremos falar a partir de agora.

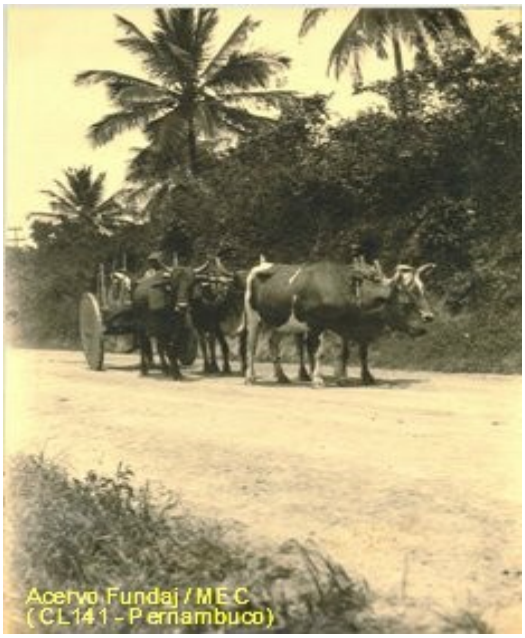

Figura 6- carro de boi.

Fonte: Gaspar, 2004

O município de Lagoa do Ouro, teve a construção de estradas um dos seus primeiros projetos. Por falta de rodagens e automóveis, os carreiros exercício a função de transportar os produtos advindos da agricultura que eram levados para a cidade de Garanhuns; desta cidade traziam os produtos industrializados que eram distribuídos tanto em Lagoa do Ouro, quanto nas bodegas localizados na zona rural[13]. Podemos destacar a quase inexistência de estadas com boas condições de trafego neste município a partir das memórias de Nilton[14]

> Era a mercadoria dos agricultores, neste tempo não tinha transporte de carro... O carro era a canga no boi, era isso.[...] E ai Chico André mesmo, e Lula de Rapaz, Zé de Rapaz que eram os carreiros daqui carregavam o mel para Garanhuns. Eles levavam a fava, o feijão, o milho, o mel e estas coisas. E ai de lá já vinha o bacalhau, que era o Noruega, antigamente, a pedra de fogo. Era esta mercadoria, era o bacalhau, era as latas de gás, que era querosene que chamava o gás, porque aqui não tinha eletricidade neste tempo, era tudo no lampiãozinho de gás neste tempo. E outra era o crivela[15] de mamona. Fazia aquele pisado de mamona e ai as mulheres botavam no meio da casa para criar a família, os buchudinhos todos em volta daquele crivelo. E aqueles que tinham mais condições compravam um

[13] As estradas que ligam a cidade de Lagoa do Ouro a zona rural só vieram melhorar a partir da década de 80.
[14] Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 20 de julho de 2018.
[15] Algodão embebido em óleo de mamona ou gás.

> litrinho de gás, agora assim ,choradinho, para tirar um mês um litro. Acendia o cadeeiro até as oito ou nove horas e ai apagava tudo e ficava tudo na noite de lua no verão e ai ficavam todos do lado de fora. Fazendo proza, outros fazendo verso. Brincando, os moleques pilotando o bucho cheio no meio do terreiro. Tinham comido o bacalhau, a charque, porque neste tempo a charque era boa. Era o Joaquim Machado que era um dos carreiros também. Zé de França, Zé Belinha. Eu conheci este povo todo, Zé Torres mesmo era um dos carreiros.

Com as memórias de Nilton, podemos observar que a sociedade de Lagoa do ouro das décadas de 50- 70 se mantinham praticamente dos produtos de subsistência, os artigos vindos da cidade eram considerados luxo. Mais uma vez os carreiros são demostrando ocupando um espaço bem considerado no andamento do cotidiano desta sociedade. Eram eles quem traziam as novidades das cidades, os artigos que eram valorizados e bem caros para os padrões da época[16].

Buscando entender esse espaço ocupado pelos vaqueiros na sociedade resolvemos tentar achar vestígios da vida em Igatauá[17], como essa vila pertencente ao municipal de correntes era configurada na segunda metade do século XX, em encontramos um jornal que faz uma amostragem desse lugar e sua relação com a pecuária.

> Igatauá é um grande distrito do município das correntes, com uma atividade bem regular, dedicando-se á lavoura e a pecuária. [...]. Se tivesse havido maior comunhão de propósitos há tempos passados, a vila teria hoje outra feição, contando com algum melhoramento, convido lembrar a necessidade de iluminação elétrica. [...] no domínio da lavoura oferece possibilidades e penetração do mais, na criação, encontra-se uma já bem adiantada exploração de bovinos, fazendo do distrito uma potencia... (HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 20 de maio de 1950).

Ainda fazendo menção ao jornal de 20 de maio de 1950, na parte é demostrado os problemas acarretados pela falta de luz elétrica que afetavam a vida dos grupos “urbanos, suburbanos e rurais”[18]. Jornais mesmo que escassos devem ser sempre evocados para entendermos a sociedade de uma localidade, eles são as

[16] Na pesquisa feita pela professora Regina Beatriz, sobre a sociedade rural de MT, é possível presenciar esse sentimento de novidade que os produtos trazidos pelos carreiros causavam na sociedade que residia em locais mais distantes dos centros urbanos. Ver em: Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Edufmt, 2006.
[17] Primeiro nome de Lagoa do Ouro.
[18] Expressão que aparece no jornal.

narrativas documental dos interesses políticos de uma época (GUIMARÃES NETO, 2006).

"Casar" as memórias dos entrevistados com os poucos escritos oficiais existentes faz com que tenhamos a impressão de estamos de fato fazendo a história[19]. Os encontros das fontes nos levam ao debate, problematizar e entender aquele pedaço de mundo é algo muito desafiador, pois o Nilton é uma testemunha dessa época. Suas memórias complementam os jornais e vise- versa.

Considerações finais

A pesquisa sobre história local é repleta de desafios. O trabalho constante com entrecruzamento de fontes, destina muita disposição do pesquisador. São dias fazendo o que os antropólogos chamam de trabalho de campo. Conhecendo os entrevistados, nesse caso o poeta Jose Nilton de Oliveira, a entrevista foi muito mais uma conversa bem-humorada já que acreditamos que dessa maneira as informações consigam fluir com uma maior facilidade.

Para Alberti (2013); um fator essencial para o sucesso de uma pesquisa está ligado a escolha dos entrevistados, estes devem ser conhecedores do espaço que ocupam, representantes desses grupos. Indivíduos que sejam conhecidos por sua experiência se for seu conhecimento sobre o assunto proposto. Nilton com maestria conduziu uma conversa cheia de detalhes, no entanto é necessário ressaltar que apenas a história oral não basta. É necessário alicerçar pesquisa com outras fontes.

Nesse trabalho buscamos nos atentar muito mais as falas e as imagens do que as literaturas escritas sobre o tema. Estas serviram para dar um embasamento na estrutura da construção da escrita. Sobre o vaqueiro da cidade de Lagoa do Ouro. A poesia e as lembranças de Nilton nos levam a conhecer um senário bem

[19] Não acredito que a história deve ser encarada como uma ficção, algo que vem ganhando força entre alguns historiadores na atualidade, vejo a história como um campo de pesquisa que constrói narrativas a partir de resquícios de verdades vivenciadas em outrora.

interessante, percebemos também que naquele espaço de memória existia muitas realidades, conseguimos entender no momento em que escritos do passado concordaram, e muitas vezes se encontraram com as memórias do poeta.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2013

ALBUQUERQUE JR. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Zahar, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara, **A vaquejada Nordestina e sua Origem.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.

FELIX, Francisco Kennedy Leite; DE ALENCAR, Francisco Amaro Gomes. O Vaqueiro e a Vaquejada: do Trabalho nas Fazendas de Gado ao Esporte nas Cidades. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-13, 2011.

GASPAR, Lúcia. *Carro de boi.* **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco,2009 Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>acesso em 08/12/18

GEVEHR, Daniel Luciano. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, p. 945-962, 2016.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo:** História na Literatura de Cordel (1900-1940) SP. Editora Paco 2015

GOULART, José Alípio. **Brasil de boi e do couro.** Rio de Janeiro: edição GRD, 1965

GONÇALVES, Jairo de lucena. Escrita de um Tempo: oralidade na construção da história local. In Neta; Peixoto. (org) **ecos do silencio o saber e o fazer da pesquisa**.1ed, Recife: Libertas ,2018. P.63-78

JACQUES, LE GOFF. **História e memória**. Editora da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, São Paulo, 1990.

LAPENDA, Ana Lúcia [et al]. **A missa do vaqueiro-** uma abordagem cultural. Recife, Gráfica e editora apipucos, 1999.

MOTTA, Márcia Maria Menendes, História e memória do tempo presente. In: Cardoso; VAINFAS. (Org) **Novos Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.21-36

NETO, Regina Beatriz Guimarães. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Edufmt, 2006.

PEREIRA, Renan Martins. Agilidade e Prestígio no Sertão de Pernambuco: as relações ecológicas entre vaqueiros, cavalos, bois e caatinga nas competições de pega de boi no mato. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFJF. Revista—Teoria e Cultura**, v. 11, n. 02, 2016.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão:** uma perspectiva histórico-cultural. Educação e sociedade, v. 71, p. 166-193, 2000.

Periódicos

HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 20 de maio de 1950. ver em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&PagFis=1857&Pesq=Igatau%C3%A1> acesso em 08/12/18.

Sites:

A MEMORIA DE LAGOADO DO OURO, Moisés sapateiro,2014. Disponívelem:<https://www.facebook.com/422858047841481/photos/a.422865691174050/549818665145418/?type=3&theater acesso em: 08/12/2018.

WIKPÉDIA. Lagoa do Ouro. 2018. Ver em :< https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagoa_do_Ouro> acesso em 11/12/18

Fontes orais:

Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 20 de julho de 2018.